

contar na obra de Sartre sete mil pontos de interrogação e sete mil indicações referentes ao olhar. Eis por agora o essencial das suas conclusões:

Sartre é do género dos grandes traumatizados. Assistiu, por infelicidade, na idade de um ou dois anos, a uma cena perturbante e incompreensível — o acto sexual entre o pai e a mãe — e ficou marcado por isso e perseguido por uma dúvida temerosa. Daí o seu temperamento inquieto, irresoluto (sete mil pontos de interrogação) e ainda o seu estrabismo «auto-punição que a criança a si própria inconscientemente se infligiu, por ter consciência de haver procedido mal» — confirmando-se, evidentemente, esta explicação nas tais sete mil referências ao olhar. Daí ainda um certo exibicionismo, revelador, por sua vez, de uma tendência para a homossexualidade. Daí, enfim, esse masoquismo que leva Sartre, como todos sabemos, a procurar o fracasso em todos os seus actos. *Conclusão geral:* «Sartre é um homem normal, lúcido e são, que escreve obras doentias... Escreve para se libertar — sem o saber — de uma cena alucinante da sua infância... Sartre é um homem perfeitamente normal, são, extremamente equilibrado, mantendo-se o seu pensar, em qualquer situação, extraordinariamente lúcido; mas o seu universo romanesco e filosófico releva em absoluto da psiquiatria e da psicanálise... Se Sartre não escrevesse, não poderemos garantir que viria a dar em doido, mas é de admitir que estaria em perigo disso».

Quer dizer: Sartre é um homem equilibrado que perderia o equilíbrio se inconscientemente não tivesse encontrado em si o modo de remediar um desequilíbrio que não tem.

O que me interessa nesta confusão de asneiras é que elas não são um produto do acaso: tanta extravagância é o resultado de um método cuja ambição e postulados me parece elucidativo examinar. Anotemos antes de mais que o diagnóstico feito a Sartre através da sua obra, assenta totalmente na exactidão do primeiro ponto, e que este ponto, em inteiro rigor, *não é verificável*, dado que a única verificação decisiva deveria dá-la o sucesso terapêutico: a eficácia da cura. Ora não se trata aqui duma cura mas de uma psicanálise absolutamente teórica empreendida e levada a cabo, sem o analisado estar presente. Que interessa isso? — dirá o nosso teórico; seja como for, este dado é um ponto assente e a prova irrefutável é o próprio Sartre que a dá quando nas primeiras páginas da sua mais célebre novela, *L'Enfance d'un Chef*, ele nos descreve o comportamento do jovem Lucien

(com cerca de 3 anos) no dia seguinte a uma noite que passou excepcionalmente no quarto dos pais: há aí uma cena que o explica integralmente e é a transposição exacta do grande traumatismo.

Estamos a ver a regra do jogo. A gente pega em algumas páginas em que Sartre utiliza a focagem psicanalítica para enquadrar uma das suas personagens; e logo com toda a calma, dados os sintomas que apresenta essa personagem, nós concluimos pela alucinação da cena que obcecara o próprio autor desde a infância. Ora, se em algum lado há vestígios infantis, parece-me a mim que o mais provável é encontrá-los neste triste processo mental¹. Mas vamos até ao fim. Eis pois Sartre-Lucien torturado pelo grande traumatismo e por todos os complexos subsequentes: acontece isso, é bem de ver, em inteira consciência. Sartre (Jean-Paul) julga elaborar uma teoria das emoções ou escrever uma peça de teatro sobre as relações necessárias entre a acção e o compromisso — mas isso não passa afinal de complexos de Sartre-Lucien acabados de exprimir, transpor e simbolizar através da sua pena. Em suma, o caso evidente é este: Jean-Paul é Lucien e Lucien é um doente; mas Jean-Paul está de perfeita saúde, porque se liberta, na sua obra, de todas as perturbações de Lucien; além de que Jean-Paul ignora ser Lucien e não sabe de que é que Lucien está doente. Por outras palavras: o verdadeiro significado da obra de Sartre escapa ao próprio Sartre e só é acessível a uma consciência diferente da sua e que intervém do

¹ Sob este aspecto, não deixaremos de realçar a imperturbável ingenuidade com que nos frisam ser o universo romanesco e filosófico de Sartre «de tal modo característico da psiquiatria e psicanálise, que um estudante de medicina poderia aprender a psiquiatria, mediante um estudo aprofundado da obra de Sartre... Nem por sombras ocorreu a este psicanalista que um romancista podia pretender dar às suas personagens todas as dimensões que comporta, na sua época, o conhecimento do homem. Método de investigação, a psicanálise é — entre outros mais — uma chave como muitas outras para decifrar a realidade humana. E justamente Sartre muitas vezes se lamentou de nenhuma técnica lhe permitir ainda admitir simultaneamente todas essas dimensões, sem abafar o romance sob a sua própria riqueza. Se alguém recorrer ao materialismo dialéctico para esclarecer o caso de um francês da pequena burguesia, cujo comportamento quotidiano, na véspera de Munique, ele descrevia, se remontar à infância de uma outra das suas personagens para melhor fazer compreender tal cólera que a tomou, corre o risco de aborrecer infinitamente o leitor. E no entanto, foi isso que Sartre tentou em *L'Enfance d'un Chef*. Mas foi o próprio Sartre que observou ter feito isso em detrimento do que era propriamente romanesco, do que constituía a *surpresa*: «É uma longa novela, centrada numa só personagem e no fundo, tal personagem não *engrena* como uma personagem de romance. Assim, não nos perguntamos: que é que lhe irá acontecer?...»